

SOCIALIS

DOSSIÊ TEMÁTICO

ELES FALAM, FALAM, MAS DIZEM TUDO

EM DIÁLOGO COM...

TÂNIA GRAÇA

JORNAL DO NÚCLEO DE ESTUDANTES DE SOCIOLOGIA DO ISCTE

Nº7 || JUNHO 2021

ÍNDICE

3. Editorial

4. Dossier Temático

12. No Olhar de um Futuro Sociólogo...

14. Investigação Sociológica

18. Em Diálogo com...

30. Debate de Imprensa

32. Retratos - Ser sociólogo

34. Temas Mensais

38. Atividades do Núcleo

40. Núcleo Convidado

41. As Nossas Sugestões

42. A Tua Voz

44. Agenda Sociológica

FICHA TÉCNICA

Edição NESISCTE | | **Coordenação Editorial** Alexandre Tavares Pereira e Tânia Gomes |

| **Redação** Margarida Delicado, Maria Barral, Pedro Silva, Ricardo Silva e Rodrigo Reis | |

Colaborações Externas Carla Baptista, Catarina Gil, Gil Ferreira Baptista, Nicolau Roque,

Rui Telmo Gomes e Susana Santos | | **Grafismo e Paginação** Maria Barral | | **Ilustrações**

Cláudia Gomes e Maria Barral | | **ISSN 2184-447X**

Contactos Avenida das Forças Armadas | | Iscte, Edifício 2, Cacifo 264 | | 1649-026 Lisboa
nucleosociologia.iscte@gmail.com

www.nesiscte.com

EDITORIAL

Mais um semestre, mais uma edição do nosso jornal SOCIALiS. É com grande orgulho, esforço, adaptabilidade e dedicação que vos apresentamos a 7ª edição do SOCIALiS do NESISCTE, desta vez dedicada à Comunicação e Media, procurando cobrir os principais ramos destas áreas tão conceituadas no mundo da Sociologia.

O *Dossier Temático* sobre a Comunicação e Media é a rubrica inicial da nossa 7ª edição, onde procuramos compreender qual o presente contexto do jornalismo em Portugal e como os media são ferramentas de construção da identidade pessoal.

Nesta edição oferecemos aos nossos leitores uma nova rubrica, “*No Olhar de Um Futuro Sociólogo*”, onde através do tema principal desta nossa nova edição, selecionamos o ramo da desinformação e das fake news.

Referente à *Investigação Sociológica* apresentamos dois temas, as práticas culturais participativas dentro do mundo da Sociologia da Cultura e as academias de talento feminino na advocacia, abordando a temática da Sociologia do Direito.

Na *Grande Entrevista* estivemos em diálogo com a psicóloga sexóloga, Tânia Graça, a sexóloga preferida dos portugueses. Nesta conversa abordamos diversos temas relacionados com a construção social do sexo.

No que diz respeito ao *Debate de Imprensa*, o tema chave por detrás da rubrica desta edição é a educação sexual – é necessária nas escolas secundárias?

Referente à rubrica *Retratos*, nesta edição temos dois testemunhos. A Sociologia mostra a sua versatilidade pela forma como se impermeabiliza pelo mercado de trabalho, xs convidadxs para esta edição são um gestor de clientes e projetos numa empresa de consultoria e uma autarca na área de intervenção e habitação social.

A rubrica seguinte são as Atividades do NESISCTE realizadas ao longo deste semestre. Nesta edição convidámos o Presidente do Núcleo de Estudantes de Sociologia / A.A.C., Duarte Lucas.

Em jeito de conclusão, damos como encerrada a nossa edição com *As Nossas Sugestões* de diferentes formas de acesso à cultura, sejam elas através de um quadro, um livro, um álbum e um filme, tendo como tema os anos 40. Finalizamos com a *Agenda Sociológica* dos eventos que serão futuramente realizados em que a Sociologia será a protagonista.

A persistência e trabalho árduo fazem com que o lançamento desta edição tenha o sentimento de vitória para todo o departamento. Aproveito este espaço para congratular a equipa por todo o trabalho desenvolvido.

ELES FALAM, FALAM, MAS DIZEM TUDO

NA VÉSPERA DO SHUTDOWN DO JORNALISMO

Carla Baptista

Professora Associada no Departamento de Ciências da Comunicação - Universidade Nova de Lisboa.

O jornalismo sempre viveu dilacerado entre dois caminhos opostos: corresponder de forma eficiente aos desafios do mercado; resistir como prática profissional emancipadora. A luta entre os constrangimentos impostos pela organização empresarial dentro de um sistema capitalista, e a tentativa de manter a autonomia editorial dos jornalistas cuja conduta deve ser orientada por valores éticos, causou muito desgaste. A experiência de crise é constitutiva do jornalismo e tem o sabor de muitas derrotas e algumas vitórias, suficientes para manter viva a utopia fundadora.

Esse desequilibrado jogo de forças atingiu o seu limite. A alteração radical das condições de produção, distribuição, partilha e receção de conteúdos jornalísticos não permite manter nem o vocabulário original do campo, nem as crenças fundamentais que estruturam a profissão. A insistência na separação entre informação e opinião, ou entre infor-

mação e entretenimento, que atravessou o jornalismo com a mesma força com que outras dicotomias (Cultura/Natureza; Ficcional/Documental) atravessaram a reflexão sobre o humano, não resiste ao teste do real efetuado por qualquer leitor de notícias. A convocação de um “método” jornalístico, ou seja, uma regulada observância de valores éticos sujeitos a uma hierarquia de escolhas realizadas pelos jornalistas dilui-se no ecossistema digital que tudo mistura,

■

“(...) A EXPERIÊNCIA DE CRISE É CONSTITUTIVA DO JORNALISMO E TEM O SABOR DE MUITAS DERROTAS (...)”

■

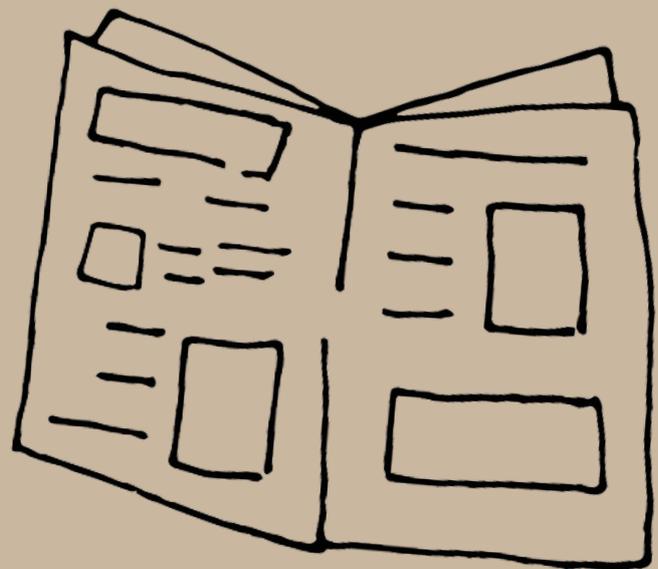
dissolve, recicla e transforma.

O jornalismo é uma profissão aberta e improvável. A fragilidade nasce do carácter construído das notícias, da simbiose com os contextos culturais que explicam apropriações de valores, orientam comportamentos

e estruturam rotinas. A força depende do consenso coletivo de que a democracia depende de um jornalismo transformador socialmente, regulado pelo princípio do bem comum, assente numa disciplinada aferição de relevância e verificação dos factos, comprometido com a inovação e disponível para criar relação significativa com os públicos.

Apesar da problemática fluidez das fronteiras do jornalismo ao nível do recrutamento (todos podem ser jornalistas) e da definição de competências (o que é que os jornalistas fazem?), era visível para muitos, ou talvez imaginado, um profissionalismo diferenciador, garantia de credibilidade do jornalismo enquanto instância produtora de verdade e energizante da experiência democrática. Mas, neste momento, essa vontade debilitou-se e assistimos ao desmonte da democracia e do seu irmão jornalismo. A avaliação do pluralismo mediático e da diversidade cultural conduz-nos a análises pessimistas que constataam a prevalente desigualdade de acesso, as corrosivas representações amputadas de alguns grupos sociais, a reprodução de relações assimétricas em várias dimensões

(classe social, etnia, género, religião). As preocupações do passado, forjadas em torno das conquistas primordiais – a liberdade, os direitos – foram engolidas pela dimensão de fenómenos globais que desfiguram a paisagem política contemporânea: a desinformação, os projetos populistas, as novas instrumentalizações da informação subordinada a lógicas de clickbait, a platformização da integralidade da vida social realizada pelos gigantes tecnológicos que dominam a cena mundial e não dão hipótese de luta a géneros minoritários, como o jornalismo.



Não se trata mais de “filtrar” a informação, ou, usando o jargão de velhos profissionais, “editar a informação”, mas apenas de tentar introduzir alguma curadoria humana na informação datificada. O alargamento do acesso à informação e a maior participação da audiência no processo noticioso não estão só a potenciar cidadãos mais informados, mas também servem o desejo de viver encerrado em “câmaras de eco”. A crise da democracia representativa, assente na impossibilidade de construir consensos entre “inimigos” que nunca se vão pôr de acordo, tem levado a tentativas de encontrar outros modelos para a democracia poder continuar a funcionar, incorporando os afetos, as paixões e o conflito. É uma teoria interessante para pensarmos de forma mais otimista a explosão de meios jornalísticos ditos alternativos que praticam um jornalismo engajado e assumidamente não objetivo.

Só é possível situar hoje o exercício do jornalismo no ambiente da cultura mediática contemporânea, reunindo dimensões de produto e prática cultural que abrem vias para um diálogo com outros campos, designadamente o artístico. Pode ser que dessas novas associações, visíveis em géneros como a reportagem documental, os perfis narrativos, a novela não ficcional, os ensaios visuais, as narrativas multiplataforma, nasça um discurso atrativo e capaz de preservar os valores fundamentais: a independência e a verdade fundamentada em factos e opiniões confiáveis.

■

“(…) SÓ É POSSÍVEL SITUAR HOJE O EXERCÍCIO DO JORNALISMO NO AMBIENTE DA CULTURA (...) REUNINDO DIMENSÕES DE PRODUTO E PRÁTICA CULTURAL QUE ABREM VIAS PARA UM DIÁLOGO COM OUTROS CAMPOS, DESIGNADAMENTE O ARTÍSTICO. (...)”

■

No contexto atual, é difícil suportar um discurso eufórico sobre o poder e a centralidade do jornalismo na sociedade mediática. O ar dos tempos é mais propenso a imaginar uma distopia: e se, de repente, desligássemos a máquina informativa? Os problemas (psicológicos, mentais, cívicos) causados pelo paradigma da “real time digital connection” e pelo ciclo 24/7 colocam-se no campo do jornalismo.

■

“(…) NO CONTEXTO ATUAL, É DIFÍCIL SUPORTAR UM DISCURSO EUFÓRICO SOBRE O PODER E A CENTRALIDADE DO JORNALISMO NA SOCIEDADE MEDIÁTICA. (…)”

■

Os reguladores dos media apelam para um uso mais consciente das ferramentas digitais que permita resistir ao impacto emocional do excesso de informação e alguns utilizadores das redes sociais debatem o “direito a desconectar” e ao “detox digital”.

Num mundo em que a exposição ao conhecimento se tornou mais personalizada, mais seletiva e mais fragmentada, cabe aos jornalistas serem os agregadores e garantirem a disseminação de conhecimento sobre uma realidade partilhada. Com as definições de jornalismo a tornarem-se cada vez mais problemáticas, encontrar as chaves para fomentar um envolvimento ativo com as questões públicas tornou-se um assunto complexo. No entanto, se tudo o que dois séculos de estudos na área das ciências da comunicação nos foi ensinando for verdade, o *shutdown* do jornalismo será também o *shutdown* da democracia.

■

“E SE, DE REPENTE, DESLIGÁSSEMOS A MÁQUINA INFORMATIVA? (…)”

■

REDES SOCIAIS, PORTAIS DA IDENTIDADE

QUEM SOU EU E QUEM ÉS TU ONLINE?

Gil Ferreira Baptista

Professor Coordenador de Estudos de Media - Escola Superior das Ciências da Educação - Instituto Politécnico de Coimbra.

Mais que nunca, a vida nos media é parte da nossa condição.

Os atributos dos novos *media* (interativos, *multimedia*) e a sua omnipresença explicam porque, de um tempo em que os utilizávamos para aceder a informação produzida por outros, hoje somos nós que publicamos conteúdos próprios, ao mesmo tempo que valorizamos e recomendamos conteúdos de terceiros. Sob muitas perspetivas, apoderámo-nos da tecnologia para a converter em parte da nossa vida. Sobretudo as redes sociais ilustram como se transformou o que “fazemos” neste novo ecossistema. Somos os *media* e, quando comunicamos, comunicamo-nos também a nós próprios. A ideia de *autocriação* adquire uma espessura acrescida: “o princípio que rege a vida é a autocriação mediada no contexto de uma conectividade global sempre disponível”, escrevia há uma década o holandês Mark Deuze no célebre *Media Life*.

Quando falamos em redes sociais consideramos, pelo menos um, perfil semipúblico, uma lista de utilizadores conectados (a redes) e a possibilidade de observar os membros que compõem a rede, os seus atributos e comportamentos. De um modo mais específico: ambientes online onde se expõem perfis autodescritivos e se estabelecem ligações pessoais, em interação permanente. Sabendo que os indivíduos se configuram na e pela linguagem (o *tempo humano é um tempo narrativo*, afirmava Paul Ricoeur), registamos algumas perceções: as novas tecnologias afetam os modos como as pessoas interagem e comunicam (desde McLuhan, sabemos que o meio é já parte decisiva da mensagem); desse modo, influenciam a formação e a apresentação da identidade; donde, apesar de as identidades online terem “fundações” fora da rede digital, não são necessariamente reproduções exatas das identidades offline. São versões marcadas pelo meio

em que emergiram: ao mesmo tempo que moldam as modernas formas de “escrita de si”, as tecnologias condicionam e potenciam.

Mais que nunca, os *media*, e concretamente as plataformas de redes sociais, são relevantes arenas de criação e de negociação da identidade. Quando mobilizam algumas das potencialidades mais comuns das redes sociais, muitos indivíduos participam no que alguns investigadores classificam como *jogos de identidade*.

Em grande medida, replicando nos novos espaços de interação os *jogos de identidade* de sempre.

■
“(...) A IDEIA DE AUTOCRIAÇÃO ADQUIRE UMA ESPESSURA ACRESCIDADA: “O PRÍNCÍPIO QUE REGE A VIDA É A AUTOCRIAÇÃO MEDIADA NO CONTEXTO DE UMA CONECTIVIDADE GLOBAL SEMPRE DISPONÍVEL” (...)”
■

Os media são um palco...

Desde os primeiros anos da generalização do uso da Internet que as perceções do canadiano Erving Goffman (1922-1982) são aplicadas à análise dos processos de formação da identidade, agora no quadro das formas de interação digital. Pelo menos quatro elementos do seu modelo permitem organizar um quadro de análise das interações que ocorrem na generalidade das redes sociais:

i. A dicotomia entre as expressões controladas e as expressões involuntárias que o ator projeta durante a sua apresentação perante os outros;

ii. A tendência habitual que o ator possui para apresentar uma versão idealizada do seu “eu”;

iii. A dupla dimensão espacial que ocorre durante a atuação (cenários e bastidores);

iv. A produção de situações específicas (dramatização ou mistificação) que a representação pode assumir.

Com recurso a conceitos dramaturgícos, Goffman descrevia, bem antes do surgimento das redes digitais, o processo de apresentação do “eu” sob a forma de um ciclo contínuo, através do qual a identidade é apresentada, comparada, ajustada ou defendida, perante uma audiência, real ou presumida.

Claramente, os desenvolvimentos de algumas das mais relevantes redes sociais favorecem (ou estimulam mesmo) este processo. Desde logo, os modos de expressão e de relação ali propostos convidam o sujeito a uma exposição incessante. Depois, tal como nas interações face a face ou *mediadas* por outras formas de comunicação, também nas redes sociais as pessoas procuram controlar a apresentação de si, agora na dimensão online do quotidiano.

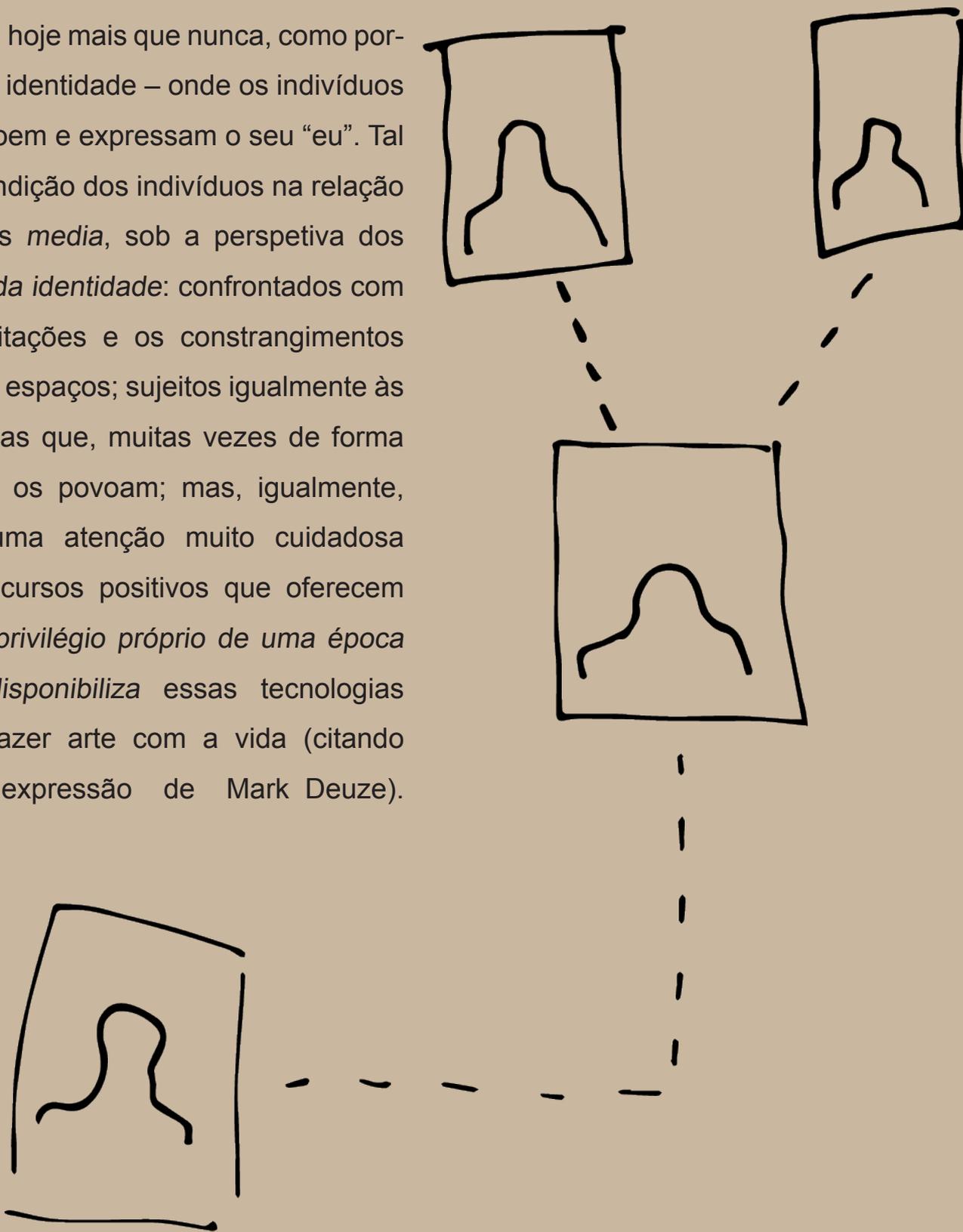
No *Facebook*, no *Instagram* ou no mais recente *TikTok*, o indivíduo, ao apresentar o seu “eu”, escolhe a “máscara” que se ajusta ao contexto da interação e às impressões que pretende causar. As particularidades do meio digital permitem uma construção dessa “máscara” mais rápida e mais fácil, ou mesmo a construção de “máscaras” distintas, em diferentes espaços de interação.

... e nós somos os seus autores

Todo o processo é fácil de descrever, nos seus traços gerais.

Quando cria um perfil numa rede social, o indivíduo atualiza uma representação da identidade e introduz-la num processo reflexivo de associação fluida com círculos sociais. A partir desse momento, e de forma crescente, expressa o seu “eu” através da atividade que desenvolve online. Sabe – ou pressupõe – que oferece à sua audiência toda uma performance composta pelos seus gostos e preferências, pelas suas atualizações de estado, por recomendações de ligações e pela inclusão de novas fotografias pessoais – e assume-o como forma de comunicação de “si”. Do outro lado, “amigos” ou “seguidores” avaliam e classificam estes elementos, que compatibilizam com os próprios interesses e afinidades, e que agregam em torno de uma interpretação coerente de “quem és tu”. Toda e qualquer comunicação de conteúdos é linguagem. Dados recentes mostram, por exemplo, que, a partir da análise de 250 ações nossas no *Facebook*, o algoritmo de um computador tem elementos para conhecer melhor a nossa personalidade que nós próprios.¹

“Se não estiveres no MySpace, não existes”, transcrevia Dannah Boyd, célebre socióloga da vida online, reportando o testemunho de um jovem estudante. No conjunto que formam com outras dimensões relacionais, os media atuam, hoje mais que nunca, como portais da identidade – onde os indivíduos constroem e expressam o seu “eu”. Tal é a condição dos indivíduos na relação com os *media*, sob a perspectiva dos *jogos da identidade*: confrontados com as limitações e os constrangimentos destes espaços; sujeitos igualmente às ameaças que, muitas vezes de forma oculta, os povoam; mas, igualmente, com uma atenção muito cuidadosa aos recursos positivos que oferecem – um *privilégio próprio de uma época que disponibiliza* essas tecnologias para fazer arte com a vida (citando uma expressão de Mark Deuze).



NO OLHAR DE UM FUTURO SOCIÓLOGO

DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS: LUTA DO PRESENTE

Tânia Gomes

Vice-Coordenadora do Departamento Socialis do NESISCTE.

Mesmo estando perante um tema recorrente na atualidade é necessário compreender que a desinformação não é novidade. A mesma acompanhou a criação e evolução dos meios de comunicação, mas acontece que é com o alcance da Internet e redes sociais no nosso quotidiano que esta passa a estar mais presente na nossa sociedade.

É importante compreender, primeiramente, que desinformação e fake news não são igualitárias. Na realidade, fake news são consideradas como uma categoria dentro da ideia de desinformação. As mesmas ganham o seu destaque com a Internet devido à sua qualidade como meios de proliferação de informações com um alcance inigualável. Levanta-se aqui a questão de como é possível diferenciar o cariz das informações partilhadas?

As fake news começam como um elemento constituinte da área política, mas disseminam-se em grande escala após o seu uso durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos da

América, de 2016, transcendendo para outras áreas como é o caso mais recente da situação pandémica atual.

Com esta propagação desenvolve-se uma maior preocupação sendo, por isso, criados programas de fact checking e novas regulamentações pelas instituições como tentativas de desempenhar um papel mais ativo no combate a este tipo de conteúdo, mas é isto suficiente? Se refletirmos bem, percebemos que é fácil considerar que não pelo simples caso que é o uso da rede social WhatsApp. Ao mesmo tempo que redes sociais como o Facebook, anteriormente considerado como o maior problema na partilha de conteúdo (des)informativo, e o Twitter procuram criar mecanismos para ultrapassar e minimizar esta questão o WhatsApp ganha destaque como a rede social onde é transmitida a maior parte da desinformação em Portugal.

Isto deve-se a ser uma rede social que privilegia e possui uma política baseada numa comunicação

encriptada entre os seus utilizadores, o que transmite, por um lado, maior segurança para os utilizadores, mas, por outro, impulsiona questões como esta.

■
“(...) É IMPORTANTE COMPREENDER, PRIMEIRAMENTE, QUE DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS NÃO SÃO IGUALITÁRIAS (...)”
■

O WhatsApp limita assim em grande medida a regulamentação do conteúdo partilhado durante a sua utilização, sendo isto perceptível com o papel desempenhado pelo mesmo nos casos críticos de desinformação durante a pandemia no nosso país. Primeiramente, assistimos à partilha de áudios de indivíduos que se auto intitulavam como profissionais de saúde durante março de 2020 e, mais recentemente, em fevereiro de 2021 deu-se a partilha em massa de um falso plano de desconfinamento. E com isto perguntamo-nos como podemos lidar com estas situações?

Como é reconhecido por diversos investigadores nacionais, até no caso recente do plano de desconfinamento, para além do papel das organizações existe também um papel-chave que se prende no público, assente na literacia dos indivíduos, pois quanto mais informado e crítico o indivíduo for, mais facilmente será possível lutar-se contra a desinformação.

■
“(...) EXISTE UM PAPEL-CHAVE QUE SE PRENDE NO PÚBLICO(...)”
■

INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA

PRÁTICAS CULTURAIS PARTICIPATIVAS

Rui Telmo Gomes

Investigador Integrado do CIES-Iscte.

Ao longo do meu percurso de investigação na área da sociologia da cultura, um dos temas mais recorrentes que fui desenvolvendo foi o das práticas culturais, seguindo diversos ângulos de análise: a desigualdade social associada à regularidade e perfil sociográfico dessas práticas; a perspetiva comparativa entre diferentes países; o desenho e impacto de políticas públicas orientadas para a “democratização cultural”; a formação e caracterização de públicos da cultura, entre outros.

Em anos mais recentes, tenho vindo a estudar este tema numa perspetiva metodológica de observação participante, através de estudos de caso de projetos que combinam produção artística e intervenção social, em vários bairros da área metropolitana de Lisboa. Alguns casos são produções artísticas (de teatro ou música, por exemplo) dirigidas por criadores e companhias profissionais que envolvem participantes amadores no processo criativo. A experiência de vida e os relatos

biográficos dos participantes constituem frequentemente a matéria principal do trabalho artístico – o que possibilita, por seu turno, um efeito importante de empoderamento dos participantes e uma forma de expressão e reivindicação de grupos sociais marginalizados. Outros estudos de caso incidem sobre projetos de intervenção social definidos no âmbito de políticas públicas de nível nacional ou local (ligadas ao urbanismo ou educação, por exemplo), que utilizam práticas artísticas no envolvimento das comunidades. Embora o uso instrumental da cultura seja mais notório nestes casos – incluindo conflito de interesses entre agentes políticos e população –, é também uma via possível de lançamento de projetos artísticos de bairro.

Dentro da sua atividade, este tipo de projetos enquadram-se dentro do que vem sendo chamado de práticas culturais participativas - expressão ambígua que dá conta de estratégias de alargamento do campo cultural

através de formas mais ou menos inovadoras de envolvimento e protagonismo da população, que tanto podem assumir um carácter mais informal, ou pelo contrário terem um enquadramento institucional.

Uma das questões que se levanta com frequência a propósito dos potenciais resultados destes projetos participativos é a possibilidade de oferecerem oportunidades de profissionalização – o sonho de ser artista ou trabalhar no mundo da cultura é uma motivação forte, especialmente entre os participantes jovens. Entre múltiplos fatores estruturais que não cabe aqui aprofundar, um aspeto fundamental é a duração (e continuidade) de projetos artísticos num determinado território;

continuidade do suporte público e parcerias institucionais (não apenas apoio financeiro, mas técnico e organizativo), mas continuidade também das redes de sociabilidade comunitária, que alimentam uma densidade mínima de contactos e colaboração. No trabalho de terreno tenho observado essas oportunidades em percursos individuais; mais importante em termos de análise é a hipótese de projetos participativos constituírem processos formativos de longo prazo.

■

“(...) EMBORA O USO INSTRUMENTAL DA CULTURA SEJA MAIS NOTÓRIO NESTES CASOS - INCLUINDO CONFLITO DE INTERESSES ENTRE AGENTES POLÍTICOS E POPULAÇÃO - É TAMBÉM UMA VIA POSSÍVEL DE LANÇAMENTO DE PROJETOS ARTÍSTICOS DE BAIRRO (...)”

■

ACADEMIAS DE TALENTO FEMININO NA ADVOCACIA: FEMINISMO NEOLIBERAL, RESISTÊNCIAS E EMANCIPAÇÕES

Susana Santos

Investigadora do CIES-Iscte. Professora convidada do departamento de Sociologia, Iscte.

O artigo “Academias de Talento Feminino: meios de emancipação ou ferramentas de reprodução social?” publicado no número 42 da revista *ex aequo* (<https://exaequo.apem-estudos.org/page/numeros-publicados?lingua=pt>) é parte integrante de um projeto de investigação sobre as transformações da advocacia entrecruzando a formação académica, a socialização e a esfera do trabalho.

O projeto tem-se debruçado sobre a advocacia em contexto societário, isto é, advogados/as que exercem a sua profissão num escritório com colegas, em regime hierárquico, com várias posições intermédias de carreira e que se inicia por uma fase de estágio mais ou menos prolongada no tempo (cerca de dois anos) e que trabalham em diversos projetos, em simultâneo, para vários clientes, numa lógica de especialização por áreas temáticas e a uma escala global.

A escrita do artigo partiu de uma interrogação inicial “em profissões como a advocacia em acelerado processo de feminização como é que as mulheres estão representadas em lugares de liderança? Que oportunidades existem? E como é que elas percecionam essas oportunidades?”. Em Portugal, o acesso das mulheres à profissão ocorre durante a 1ª República, mas é apenas com a Revolução de Abril de 1974 que a advocacia começa timidamente a abrir-se às mulheres. A partir dos anos 2000, o número de inscritos na Ordem dos Advogados atinge a paridade entre homens e mulheres e, desde 2012 as mulheres estão em maioria. Esta feminização comum a outras profissões qualificadas esconde várias desigualdades de género, seja na continuidade do exercício profissional, com mais interrupções ou saídas feininas, seja na possibilidade de ascender

a lugares de direção e liderança.

Como ponto de partida para observar esta realidade optou-se pela teoria crítica feminista, em particular, pelos contributos de Nancy Fraser e a sua perspetiva de conciliação entre políticas de reconhecimento, mais próximas dos debates sobre identidades e, as políticas de redistribuição, mais focadas no combate às desigualdades económicas e sociais. Munidos deste quadro teórico partiu-se para a análise de um conjunto de entrevistas aprofundadas e de relatórios e outros documentos produzidos pelas sociedades de advocacia.

Encontrou-se uma realidade social complexa, onde as jovens mulheres são socializadas num ambiente genderizado - com papéis sociais de género, divisão sexual do trabalho e expectativas diferenciadas - encontrando muitas vezes nos casos de sucesso no feminino os seus modelos. As sociedades de advocacia reconhecem as dificuldades sentidas pelas mulheres, mas consideram-nas fruto da sociedade em geral. Assim, as respostas são centradas na pessoa e nas suas capacidades individuais através da criação de academias de talento feminino – formas organizadas de formação em liderança e

chefia de equipas destinadas a mulheres em fases intermédias de carreira.

As academias de talento feminino são um bom exemplo para estudar os desafios que os movimentos feministas encontram nas sociedades neoliberais. Revelando, em simultâneo, uma maior consciencialização para as questões de género e uma aposta na formação individual, que não questiona os processos de genderização e amarra as advogadas a papéis de género construídos a partir de estereótipos de submissão e sacrifício.

■

“(...) AS SOCIEDADES DE ADVOCACIA RECONHECEM AS DIFICULDADES SENTIDAS PELAS MULHERES, MAS CONSIDERAM-NAS FRUTO DA SOCIEDADE EM GERAL (...)”

■

EM DIÁLOGO COM...

Tânia Graça

Psicóloga Sexóloga e Apresentadora da rubrica “Ação de Graça” no programa “5 Para a Meia Noite”.

SOCIALiS: A nossa primeira pergunta trata-se de modo a conhecermos um pouco mais sobre ti, o que te levou a estudar Psicologia e, mais em concreto, a estudar o mundo da Sexologia?

TÂNIA GRAÇA: Sabes que eu comecei não por estudar Psicologia, fui para Direito primeiro. Na verdade, o que eu queria mesmo estudar era ou Psicologia ou Ciências da Comunicação. Porquê? Ciências da Comunicação porque, de facto, sempre tive um fascínio pela comunicação, pelo mundo da televisão, da rádio... Sempre achei que tinha também facilidade nessa área, que me comunicava bem, que as pessoas me percebiam... Portanto, a paixão pela comunicação vinha daí. A paixão pela Psicologia teve muito a ver, não só com ter percebido numa disciplina que tive no 12º ano que era algo que me apaixonava, mas também por ter feito Psicoterapia uns anos antes, na minha adolescência, por uma situação de doença na família. Eu fiz Psicoterapia na altura e achei aquilo... fascinante! Achei que incrível...! Uma pessoa pode trabalhar a ajudar o outro

e ser paga por isso! Quero, quero para mim! Pronto, mas isto era mais jovem.

Quando chegou a altura de escolher o curso, queria muito Psicologia ou Ciências da Comunicação, mas a minha família: “Ah, mas podias escolher uma coisa mais segura... Se estudares Direito também podes depois ser jornalista. Há muitos jornalistas que também são advogados!”

Portanto, muito a quererem um bocadinho... E eu compreendo, não é? Também tem a ver com a educação que elas e eles próprios tiveram; queriam uma coisa que fosse, se calhar, mais segura. Então eu acabei por ir para Direito primeiro, mas fiz um semestre e meio e percebi que aquilo não era para mim. Aliás, a única disciplina que me interessava... eu olhava para o curso todo, e a única disciplina que me interessava era Direito da Família. Ora, alguma coisa não estava certa, não é? Tanto que, depois quando mudei para Psicologia a minha especialização é em Terapia Familiar e de Casal. Portanto, as coisas depois acabaram por se encaixar todas. Eu mudei de curso,

fiz Psicologia, terminei e ao longo do meu curso de Psicologia e ao longo da minha vida, inclusive, eu sempre fui uma pessoa muito interessada pelas questões das relações e da sexualidade. Como é que isso mexia com a vida das pessoas? Eu percebia também que era um tema que era tabu, que as pessoas ficavam muito... meio desconfortáveis quando eu falava sobre essas coisas à vontade, mas ao mesmo tempo tinham interesse em ouvir. É tipo aquele: “Não quero saber, não quero ver, não quero ouvir...!”

Mas no fundo toda a gente queria. E ao longo do meu curso, em que eu já estava a estudar Psicologia, e em que depois me voltei para a Terapia Familiar e de Casal no Mestrado, os meus colegas diziam muitas vezes: “Epá, Tânia, tu um dia tens que fazer uma especialização em Sexologia, porque isso tem tudo a ver contigo e o teu à vontade a falar sobre o tema.”

■

“(...) EU SEMPRE FUI UMA PESSOA MUITO INTERESSADA PELAS QUESTÕES DAS RELAÇÕES E DA SEXUALIDADE (...)”

■

Eu era mesmo aquela pessoa que trazia esse tema para o bar da faculdade, estão a ver? Para a mesa de faculdade, todos os bares da faculdade. E então, sempre houve essa instigação também das pessoas à minha volta e passados, portanto, dois, três anos de eu terminar Psicologia, fiz uma segunda especialização em Sexologia, Orientação e Terapia Sexual, porque realmente eram os dois temas que me interessavam e acabei por casá-los. E agora casei-os também com a parte da Comunicação. Portanto, eu neste momento, estou mesmo muito feliz a fazer aquilo que faço e sinto que tem tido um impacto positivo e isso então deixa-me de coração cheio mesmo.

SOCIALiS: Tendo em conta o facto de o sexo ser rotulado como tabu e ser considerado um assunto sensível, de que modo podem ser desconstruídas estas normas sociais sobre o sexo?

TG: Olha, uma das formas é esta mesma que nós estamos a pôr em prática agora, não é? Que é trazer estes temas para cima da mesa, para os jornais, para as revistas, para a televisão, para as redes sociais, para as conversas de bar de faculdade, ok? Mas trazer, não como uma cena só para nos rirmos todos

um bocado ou todas um bocado, ou para ficarmos envergonhadas, mas para falarmos sobre isso com a mesma naturalidade que falamos sobre outro tema qualquer. Portanto, a quebra do tabu também vem da normalização do tema, da naturalização de falar sobre o tema. E isto que nós estamos a fazer aqui, e aquilo que eu faço no Instagram e que acredito que vocês também façam na vossa... se me convidaram é porque também têm interesse na área, não é? Aquilo que vocês fazem também na vossa vida de um para um, no nosso grupo de amigos, na nossa família... Isso é uma forma de desconstruir, de demolir esses tabus, ok?

Depois existem outras formas que têm a ver com questões mais estruturais. Por exemplo, a Educação Sexual passar a ser uma realidade e não algo legislado, mas que depois na prática não é assim tão posto em prática, lá está. Não é assim tão desenvolvida essa Educação Sexual. E não é desenvolvida, eu acredito, que também por falta de meios. Porque eu percebo que, de repente, está lá nos conteúdos programáticos que tem de se fazer isso... Opa, mas é um professor de matemática de sessenta anos que vai falar sobre isso? Uma pessoa que não está à vontade com o tema também, não é?

Eu acho que é importante formar-se os formadores, ou seja, pessoas da área de

Sexologia ou de áreas afins ajudarem, não é? Enfermagem e tudo mais... há pessoas que têm muita formação na área ajudar em os professores ou elas próprias darem essa formação. Porque a Educação Sexual é exatamente aquele “quebrar de tabu” logo de raiz. Nem é quebrar, é quase não permitir que esse tabu se forme, naturalizando o tema, desde logo, desde cedo. Portanto, eu diria que a Educação Sexual é provavelmente o meio principal para se, lá está, desconstruir estes medos, estes mitos e essas coisas todas. Acho que é o meio principal. E uma Educação Sexual que seja muito voltada, na minha perspetiva, para o desenvolvimento pessoal. Ou seja, não é só tipo: “O-hem, é assim que se mete um preservativo!”

Isto não é nada, gente. Isto é importante, mas não é nada no sentido em que isto não educa efetivamente. É preciso enquadrar isto naquilo que é a Sexualidade. Que é, ok, Sexualidade é uma coisa incrível, o sexo é uma coisa incrível, que são coisas diferentes, aliás, não é? Mas tudo isto são coisas incríveis que nos podem trazer prazer, felicidade, desenvolvimento pessoal. Mas para vivermos tudo isto em pleno é preciso, sim, pormos o cinto de segurança. Eu digo isto muitas vezes, que é se queremos ir ali a acelerar um bocadinho, é preciso por o cinto de segurança. É preciso precavermo-nos

daquilo que são os perigos. Mas é para poder curtir a viagem à grande. Não é porque o sexo é um perigo. É porque é uma coisa boa, que tem claro, alguns cuidados a ter.

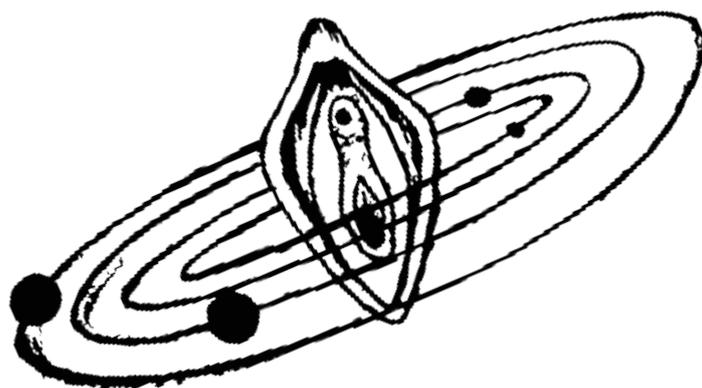
Além de que, a Educação Sexual nunca pode deixar de enquadrar também orientação sexual, identidade de género, autoestima, autoconhecimento, limites, consentimento. Todas estas coisas são essenciais. Não é só ensinar a pôr preservativos ou a tomar uma pílula contraceptiva. É muito mais do que isso.

Portanto, eu acho que, como é que se quebram tabus? Trazendo estes temas para a nossa vida, para os nossos círculos. E, ao mesmo tempo investir naquilo que é a legislação e ao nível dos direitos sexuais, mas também a Educação Sexual que se faz nas escolas.

SOCIALiS: Tendo em conta que o sexo e a sexualidade são duas coisas distintas e dos quais nós temos construções subjetivas, enquanto especialista como defines estes dois conceitos e como é que são estes dois conceitos construídos socialmente?

TG: Socialmente eles são, muitas vezes, apresentados como sendo a mesma coisa, ou seja, sexo e a sexualidade são a mesma coisa, mas não são. Não são e digamos que se formos a visualizar uma imagem,

portanto, a sexualidade é um sistema solar, o sexo é um planeta, temos muitos outros, eu gosto muito de usar a metáfora do sistema solar e das galáxias. Portanto, a sexualidade é um universo, é uma galáxia grande. O que é que está dentro da sexualidade? Está a identidade de género, eu nasci com um sexo biológico, com uma vulva, com um pénis ou não, com algo entre esses dois formatos, mas de que género é que eu me sinto? Eu sinto-me mulher? Eu sinto-me um homem? Portanto, identidade de género faz parte da nossa sexualidade. Orientação sexual, por que género, porque sexo é que eu me sinto atraída? Faz parte da minha sexualidade. O erotismo, portanto, a erótica, faz parte da nossa sexualidade, ou seja, o que é que me excita? As minhas fantasias fazem parte da minha sexualidade, o meu nível de desejo faz parte da minha sexualidade, portanto sexualidade é um mundo muito mais abrangente em que depois está incluído também o quê? O sexo. O sexo, faz parte da minha sexualidade.



O sexo, no fundo, vai ser uma prática que manifesta tudo o resto. Eu vou viver o sexo em função da minha identidade de género, da minha orientação sexual, das experiências que eu quero ter, dos meus níveis de desejo. Portanto, o sexo é um planeta de todo esse sistema solar e o sexo já vem a ser exatamente a prática.

A prática no sentido de ato sexual, de partilha sexual com outras pessoas, com outra pessoa. As pessoas, muitas vezes, quando pensam em sexo, pensam em sexo heteronormativo, portanto com homem e mulher, pensam em sexo com penetração, portanto, pénis e vagina, e o sexo é muito mais do que isso também, ou seja, dentro desse planeta que é o sexo, temos muitas coisas, muitos continentes, muitas formas de viver, esse prazer sexual. Temos o sexo oral, as carícias, temos o roça-roça, temos muita coisa que podem ser prazerosas e que já é sexo. Sexo não é só penetração, prazer não vem só da penetração. Aliás, para muitas mulheres até nem vem da penetração e está tudo certo.

Portanto, basicamente, sexualidade é algo muito mais abrangente. A Organização Mundial de Saúde até define a sexualidade como uma energia que nos move para o contacto com o outro e que nos move para o prazer, eu acho que é uma definição bonita. Portanto, sexualidade é algo muito mais

abrangente que envolve tudo aquilo que eu vos estava a dizer e em tudo o que envolve está lá o sexo também, que é uma parte, é uma forma de manifestação dessa sexualidade, mas é uma. Sexualidade é muito mais do que isso.

SOCIALiS: Atualmente nós estamos todos interligados graças ao mundo online que passou a fazer parte da nossa vida já há algum tempo. Até que ponto é que as redes sociais mediam e influenciam a nossa ideia daquilo que é o sexo?

TG: Claro que sim, claro que tem influência. E acho que tanto pode ter uma influência, como em tudo na vida, pode positiva ou negativa. Eu acho que, por exemplo, a minha página e outras do género são páginas que trazem influências positivas. Para a libertação das pessoas, para a exploração dos seus corpos, sem culpa, sem medo, sem vergonhas, especialmente no caso das mulheres que são as mais afetadas, por este tipo de emoções ligadas à sua sexualidade e ao seu prazer.

Portanto, da mesma forma que algumas páginas influenciarão de forma positiva, eu acho que também podem influenciar de formas negativas outras e até a minha, às vezes, quem sabe?

Se calhar há pessoas que veem e não

retiram grande conhecimento ou proveito dali. Eu acredito que é útil, mas lá esta depende do que é que cada pessoa procura.

Como é que eu acho que pode ser negativo? Acho que pode criar expectativas irreais sobre o que é o sexo. Acho que pode criar uma imagem de perfeição, de “toda a gente está a ter orgasmos e eu não estou e se calhar tenho algum problema”, ou seja, parece que toda a gente está a viver sexo incrível, toda a gente está a ter mil orgasmos e eu se calhar ainda nem consigo ter e não sei como lá chegar. “Será que eu tenho de ter? Toda a gente está a ter então eu tenho de ter também”.

Ou seja, as redes podem também vir a trazer esta pressão, para nós estarmos num determinado patamar em que sentimos que não estamos e que provavelmente as pessoas também não estão. Isto é uma idealização, ou seja, da mesma forma que as redes trazem muito esta coisa de “eu estou sempre bonita, estou sempre bela, estou sempre em grandes hotéis, estou sempre em grandes restaurantes”, há muitas páginas assim e que nos trazem uma imagem irreal e quase inalcançável da vida, o mesmo pode acontecer ao nível da sexualidade e do sexo, que é alguém trazer a imagem de “isto é tudo incrível, e só tu é que não estás a conseguir, e nós conseguimos

todas ou todos”. Portanto, pode criar aqui uma pressão que não é nada vantajosa.

E depois como nós não falamos sobre estas coisas, não é? Fala-se pouco entre amigos, pensamos que toda a gente está a fazer coisas incríveis e só nós é que estamos a ser aborrecidas. “O que é que será que os outros fazem?” Ninguém sabe muito bem. Então facilmente caímos nesta coisa de toda a gente está a fazer coisas incríveis e eu não. Portanto, ainda assim, de uma forma geral, a influência, na minha perspetiva, tem sido mais positiva do que negativa. Das redes sociais, se formos falar de pornografias e etc., já é outra coisa, mas em termos de redes, que é um conteúdo ainda assim mais filtrado, de alguma forma, eu acho que as redes têm influenciado mais positivamente. Se a minha resposta pode estar condicionada pelo meu trabalho e por aquilo que eu faço na minha página? Se calhar está, mas não dá para eu responder sem ter isso em conta porque é o meu dia a dia. Portanto, eu acho que a influência tem sido mais positiva.

■

“(...) AS REDES PODEM TAMBÉM VIR A TRAZER ESTA PRESSÃO, PARA NÓS ESTARMOS NUM DETERMINADO PATAMAR EM QUE SENTIMOS QUE NÃO ESTAMOS (...)”

■

SOCIALiS: Considerando o contexto pandémico, tivemos de nos adaptar àquilo que eram as nossas interações sociais físicas. Quais foram as principais transformações referentes à forma como nos relacionamos intimamente com o outro?

TG: Então, de facto, houve muitas transformações e aqui não falamos só de relações afetivo-sexuais, mas falamos de todo o tipo de relações, não é?

A ausência de toque foi uma coisa que entrou pela porta à dentro da nossa vida e da nossa casa, essa ausência de toque e ausência de conversas cara a cara e a ausência de muitas coisas que, para o ser humano, são muito, muito, muito importantes, porque nós somos seres sociais, nós somos seres de toque, não é? A oxitocina, que é a hormona do amor e da conexão em muito é libertada pelo contacto físico com o outro e nós ficamos limitadas e limitados em relação a isso.

Claro que existem consequências ao nível do nosso bem-estar, ao nível das nossas emoções, níveis mais altos de ansiedade, estados mais depressivos também. Não só por isto, não só pela ausência de toque, mas também veio exacerbar este tipo de reações mais negativas à pandemia. Em termos das relações afetivo-sexuais, veio trazer também muito desafios, tanto para quem vive em conjunto,

como para quem tem relações, neste momento, à distância, como para quem é solteiro. Portanto, veio trazer desafios para toda a gente.

Para quem vive em conjunto, porque não podendo estar com outras pessoas, estão confinados ao convívio um com o outro, isso pode ser desgastante, pode ser positivo também, se as pessoas conseguirem gerir meio a coisa, mas pode ser extremamente desgastante essa ausência de individualidade, não é? Esse estar em constante contacto com o outro, mesmo em termos de líbido pode fazê-la cair. Para as pessoas que estão à distância, ou melhor, se calhar não estavam, mas tiveram de passar a estar, mais desafios também, não é? Será que agora conseguimos manter a relação? Será que não? E a sexualidade...

Eu acho que se começou a usar não só quem está em relações à distância, mas as próprias solteiras e solteiros, muito as redes sociais para colmatar isto, portanto o sexting, as nudes, as dating-apps também dispararam. Em termos de brinquedos sexuais, houve muita gente também a investir, as sex-shops detetaram um aumento, tipo 30%, 40% de aumento de vendas comparativamente à mesma fase do ano anterior.

Portanto, foi exigente, tem sido exigente, sim. Se trouxe muitas, lá está, muitos desafios e pontos se calhar menos positivos para o nosso bem-estar

e para as nossas relações, sim. Mas ao mesmo tempo também nos obrigou a reinventarmo-nos, não é? A procurar outras formas de partilhar intimidade, ajudou também muita gente, pessoas que nunca se tinham conhecido a si, a trabalhar o seu autoconhecimento. E por isso é que os brinquedos também dispararam as vendas, muita gente não tendo companhia, não tendo outros parceiros ou parceiras, explorou-se a si, os casais também tiveram de inovar de alguma forma em conseguir esta convivência diária sem furarem os olhos um ao outro. Portanto, se foi desafiante? Foi, mas eu acho que também trouxe aqui transformações que podem ser importantes para aquilo que serão as relações daqui para a frente.

Há aqui um conceito que já se tem falado muito que é o “fear of dating again” que se tem falado em alguns artigos, será que a seguir vamos ter esse receio? Será que vamos estar com medo de contactar com pessoas? Pessoalmente, eu acho que ainda que possa haver esse receio, o que a história nos diz é que após momentos de crise, quando se abriam as comportas, baby-booms e o pessoal a engalfinhar-se uns nos outros, porque eu acho que as saudades de toque, a vontade de termos pessoas perto de nós vai falar, ainda assim, mais alto do que o medo. Ainda que, não seja ainda o momento.

Ainda não se abriam as comportas e por isso é preciso continuarmos a manter os cuidados, mas eu acho que é isto que vai acontecer.

SOCIALiS: Acaba por fazer parte, é um instinto!

TG: Exatamente, assim que acabar isto, cuidado que o pessoal (risos), o pessoal vai aproveitar estas portas abertas, eu acho.

SOCIALiS: A educação é um papel fundamental na sexualidade. Qual é a importância de instituições como a escola ou a família nestes processos de formação sobre conhecimento e educação sexual?

TG: É importantíssima, como eu estava a dizer há pouco, porque eu acho que a educação é sempre a melhor ferramenta para prevenir uma série de problemas e, ao mesmo tempo, promover vidas mais felizes e mais saudáveis, a todos os níveis, não só da sexualidade. Mas principalmente da sexualidade. Porquê? Porque a sexualidade é, provavelmente, em termos de educação, das nossas maiores lacunas, porque sendo um tema tabu, é um tema que, muitas vezes, não se fala em casa, não se fala na escola e nós simplesmente entramos e iniciamos a nossa vida sexual com pouco ou

nenhum conhecimento do que está ali a acontecer. Com pouco ou nenhum conhecimento sobre, lá está, sobre limites, sobre consentimento, sobre o nosso próprio corpo. Porque a informação que nos é passada, muitas vezes, ao longo da vida é que não é suposto falar sobre isso, não é suposto tocarmo-nos, não é suposto conhecermo-nos e não é suposto gostarmos, não é suposto. E isto é tanto mais verdade na vida das mulheres, isto é especialmente verdade na vida das mulheres. Por isso, esta educação de base é extremamente importante, precisamente, porque é das áreas em que nós somos menos educadas e educados. Por isso, muito importante que se venham a tomar medidas, não é? Para que, de facto, as leis que estão, porque existe uma lei que, lá está, define que a educação sexual deve acontecer, que define inclusive a carga horária que deve ter, mas a verdade é que isso em muitas escolas não é cumprido, pelas razões que eu disse há pouco, não é? Os professores não se sentem à vontade com o tema, não têm a formação necessária, muitas vezes. Não é a sua área e eu compreendo isto, agora é preciso então colmatar de alguma forma. E a mim parece-me que esta educação sexual que é feita nas escolas não deve deixar de integrar também as famílias, porque se nós transmitimos uma determinada

informação nas escolas, mas depois os pais estão completamente alienados disso, não fazem ideia e estão a ensinar coisas contrárias também não se consegue grandes coisas, não é? Portanto, no mundo ideal, no meu mundo ideal, além da educação às crianças e aos jovens nas escolas, os pais também deveriam ser chamados, de vez em quando, para dar-lhes aqui alguns conteúdos, dar-lhes aqui algumas ferramentas. Não quer dizer que eles vão ensinar tudo, mas terem consciência do momento de desenvolvimento que o filho ou a filha está a passar, ter consciência da diversidade que existe de identidade de género, de orientação sexual, ter consciência dos riscos também, claro, ter consciência de uma série de coisas. Isto é muito importante porque o “casamento” escola-família é aquilo que melhor resultado traz para a vida da criança ou do jovem em todas as áreas, a sexualidade não é exceção. E que se desengane quem ache que a educação sexual vai fazer com que então, de repente, toda a gente quer ter sexo “à toa”, não é verdade.

■
“(…) NO MEU MUNDO IDEAL, ALÉM DA EDUCAÇÃO (…) NAS ESCOLAS OS PAIS TAMBÉM DEVERIAM SER CHAMADOS (…) PARA DAR-LHES ALGUNS CONTEÚDOS (…)”
■

Aliás, o que os estudos mostram é que em locais como escolas, alunos que têm acesso a educação sexual tendem, inclusive, a iniciar a sua vida sexual mais tarde. Porque tendo essa informação, também fazem escolhas mais conscientes, mais criteriosas, coisa que, muitas vezes, quem não tem essa informação, de repente bebe uns copos e tem a sua relação sexual à toa, que pode acontecer, atenção, isto não é errado, pode é não ir ao encontro daquilo que a pessoa, de facto, gostava para si. E, portanto, parece-me que vivermos numa sociedade sem educação sexual, é vivermos ainda numa sociedade coxa, que está a mancar em relação a alguns temas, porque quem educa para a sexualidade, educa para o respeito, para a empatia, pela diversidade, para a autoestima e para o autoconhecimento, que são assim valores que eu acho que devem ser pilares da sociedade.

■
“(...) PARECE-ME QUE VIVERMOS
NUMA SOCIEDADE SEM EDUCAÇÃO
SEXUAL, É VIVERMOS AINDA NUMA
SOCIEDADE COXA(...)”
■

SOCIALiS: A socialização é um processo que demora toda a vida, onde aprendemos a ser quem somos e a comportarmo-nos de acordo com a sociedade vigente. Tendo isto em mente, qual é o nível de importância da sexualidade para a construção da nossa própria identidade?

TG: É uma parte super importante, mesmo super importante! É uma área da nossa vida que está muito conectada com outras e por isso é que eu trabalho o empoderamento feminino através do empoderamento sexual: um não pode acontecer sem o outro, ou dificilmente acontecerá. Se não somos donas do nosso corpo, se não somos donas do nosso prazer, se não conhecemos formas de nos dar prazer, se não sabemos impor limites, se nem sequer sentimos, lá está, se sentimos que o nosso corpo não é nosso e simplesmente serve para outras pessoas se satisfazerem ou para outras pessoas comentarem. Se eu não sou dona do meu corpo, eu não consigo ser dona da minha vida. Portanto, a sexualidade, o desbloqueio dessa sexualidade, a tomada de posse desse corpo e dessa sexualidade são absolutamente essenciais para um empoderamento de forma geral para a minha constituição enquanto pessoa - porque a sexualidade tem muito de mim: tem a forma como eu me vou relacionar com os outros, tem a forma

como me vou relacionar comigo, tem a forma como eu consigo dizer que não, que é tão importante na nossa vida. Portanto, é essencial o desenvolvimento de uma sexualidade saudável. E uma sexualidade saudável pode ser muitas coisas, está bem? Saudável para aquela pessoa. É muito importante para que ela se constitua uma cidadã ou um cidadão feliz, completo e capaz de também entregar valor à sociedade em que vive. Se não for uma área desenvolvida, se não for uma área trabalhada, ficamos em muitas outras bloqueadas e bloqueados, por isso é essencial nesse processo de socialização.

SOCIALiS: Comparando os dias de hoje com o estado do sexo e sexualidade há 10 anos, como tem vindo a ser feita esta mutação? Quais foram as suas principais mudanças vistas em Portugal?

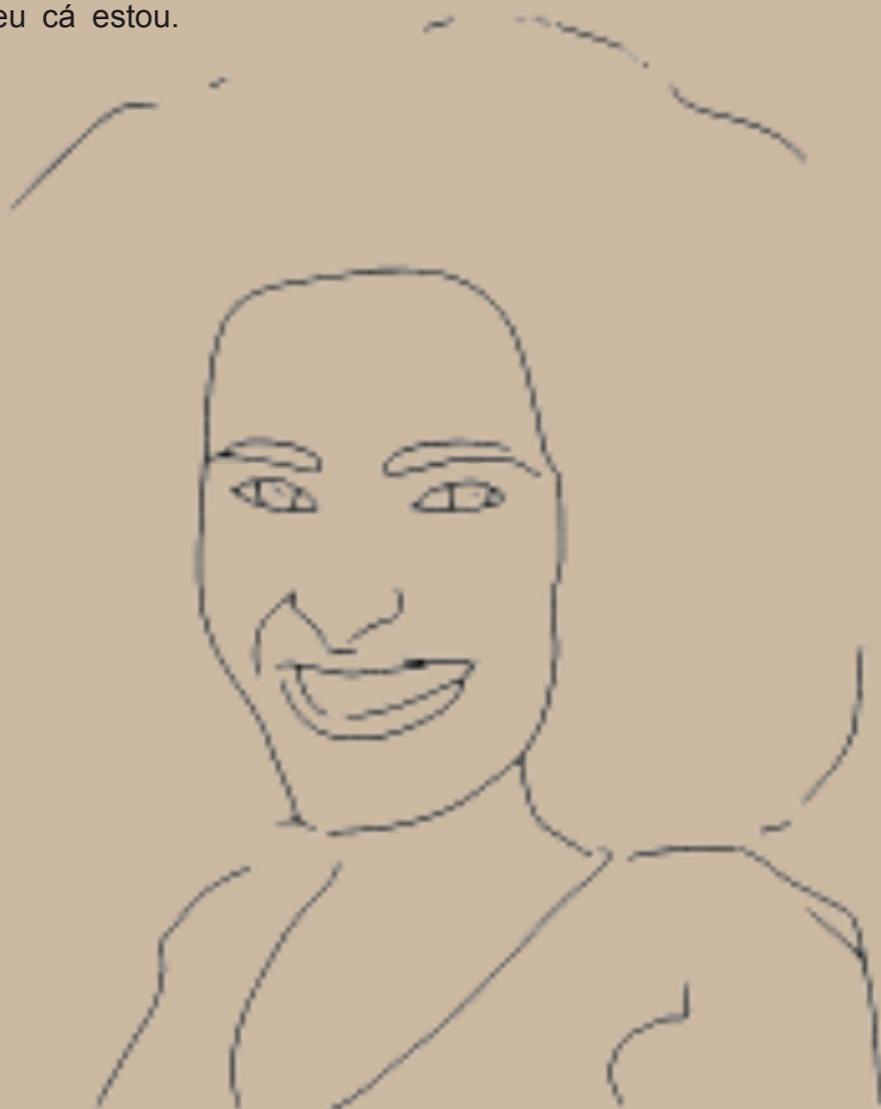
TG: Há 10 anos? É assim, eu sinto que até tem havido uma progressiva evolução. Diria que há 10 anos se calhar não era tão diferente como era há 20, ou há 30, ou há 50. Portanto, eu acho que quanto mais próximas e mais próximos estamos do momento atual, mais desenvolvimento e abertura nesta área encontramos. O que é que contribuiu para isso? Profissionais que falam sobre estas coisas: nós temos já há algum tempo, também,

profissionais da sexologia a trazer estes conteúdos para a televisão. Por exemplo, a televisão que é um meio de comunicação que chega a toda a gente, as redes sociais, vieram também abrir, a internet veio abrir um mundo de possibilidades para nós percebermos coisas que antes não sabíamos. Veio também abrir coisas não tão positivas, como é o caso da pornografia, sem um enquadramento do que é aquilo, pode ser, também, prejudicial para os jovens que assistem. Mas, mais uma vez, a educação sexual está na responsabilidade dos pais, não está na responsabilidade da pornografia, não é? Mas o que é facto é que a abertura da internet, o trazer esses conteúdos para a televisão, o haver também, apesar de tudo esta legislação que diz que deve haver educação sexual, mesmo que ela não aconteça em pleno. Mas tudo isto foram ferramentas, também, que por um lado impulsionaram essa abertura e ao mesmo tempo confirmaram que ela estava a acontecer. Porque ela está a acontecer, não é?

■
“(...) QUANTO MAIS PRÓXIMAS E MAIS PRÓXIMOS ESTAMOS DO MOMENTO ATUAL, MAIS DESENVOLVIMENTO E ABERTURA NESTA ÁREA ENCONTRAMOS (...)”
■

O facto de se dizer: “Tem de se ensinar isto nas escolas”, é sinal que já se percebeu a importância de se ensinar isto nas escolas, mesmo que não seja cumprido. Portanto eu acho que foi assim uma junção de fatores que também estão influenciados pela nossa história e pelo passado, não é? Pelos movimentos feministas, por aquilo que foi sendo alcançado, pelo surgimento dos métodos contraceptivos. Portanto, tudo isso em conjunto veio trazer aqui uma progressiva e cada vez maior abertura e normalização destes temas. Agora, continua a haver muito por fazer, muito mesmo. E é por isso que eu cá estou.

■
“(...) CONTINUA A HAVER MUITO POR FAZER, MUITO MESMO. E É POR ISSO QUE CÁ ESTOU (...)”
■



DEBATE NA IMPRENSA

Rodrigo Reis

Membro da Redação

Existe desde o início da vida humana. No entanto foi, ao longo dos séculos menosprezada, relegada para segundo plano e hoje, em pleno século XXI, é vista ainda como um tabu. Falo da sexualidade. Numa primeira análise, talvez todos saibamos do que se trata, mas será que todos a conseguimos compreender?

Provavelmente, muitos dirão que sim. No entanto, após uma maior reflexão, poder-se-á compreender que talvez não seja assim. Vivemos no apogeu da medicina, da sociedade de bem-estar e da educação. Mas, abrangerá, a última as mais importantes esferas da nossa vida? Facilmente podemos apontar várias lacunas ao sistema de ensino português. Mas não será esse o debate deste texto. Pretendo, antes, expor alguns argumentos relativos à educação sexual em meio escolar, um tema que promete continuar a fazer correr tinta na comunicação social. De um lado, surgem os que não acreditam que esta deva ser uma disciplina a inserir no plano curricular da escolaridade obrigatória, do outro surgem os que a defendem como absolutamente necessária.

Os primeiros, provavelmente mais céticos, poderão pensar que a educação sexual não é necessária, pois o sexo é algo instintivo e que deve ser descoberto ao longo da vida. Este tipo de pensamento contribui, não raras as vezes, para que esta temática seja reprimida e evitada. Como afirma o psiquiatra Rui Carvalho, num artigo do Jornal Público do dia 17/3/2021, “Temos uma tradição de punição e repressão da abordagem à sexualidade.” A questão, muitas vezes desconhecida, é que sexualidade não é só sexo, logo, a educação sexual aborda outras esferas que não o sexo em si. Tal como afirma Vânia Beliz, sexóloga, “sexualidade (...) ultrapassa em muito o falar de sexo”. (Artigo publicado no Diário de Notícias a 4/12/2018). Apesar de a educação sexual ter sido introduzida nas escolas portuguesas há mais de 10 anos, continua a apresentar imensas deficiências tanto na forma usada para a abordar como no tempo a ela dedicado. Segundo uma notícia da TSF, em 2019, apenas 36% das escolas secundárias dedicava as 12 horas fixadas pelo Ministério da Educação à promoção do conhecimento ligado aos afetos e à sexualidade.

No entanto, se olharmos para o 3º ciclo do ensino básico, onde a carga horária dedicada a esta temática é igual, a percentagem sobe para 57%, algo difícil de explicar visto que os alunos são mais novos do que os do secundário. Na tentativa de explicar estas lacunas, as escolas alegam que não têm horário para encaixar as sessões de educação sexual devido à extensão excessiva dos planos curriculares. (Notícia da TSF, 23/10/2019).

Tendo em consideração que este estudo inquiriu 95% das escolas e agrupamentos do nosso país, podemos classificar a situação como alarmante, na medida em que uma abordagem incorreta da sexualidade, motivada pelo desconhecimento, pode resultar em graves consequências para os jovens.

■
“(...) AS ESCOLAS ALEGAM QUE NÃO TÊM HORÁRIO PARA ENCAIXAR AS SESSÕES DE EDUCAÇÃO SEXUAL (...)”
■

■
“(...) APESAR DE A EDUCAÇÃO SEXUAL TER SIDO INTRODUZIDA NAS ESCOLAS PORTUGUESAS HÁ MAIS DE 10 ANOS, CONTINUA A APRESENTAR IMENSAS DEFICIÊNCIAS TANTO NA FORMA USADA PARA A ABORDAR COMO NO TEMPO A ELA DEDICADO (...)”
■

Voltando ao âmago do tema: será a educação sexual realmente necessária? Ou será que os dados acima expostos não passam disso mesmo? Trata-se de uma questão subjetiva e estou certo de que cada leitor terá a sua própria opinião. Facto é que o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, defende que se deve falar de sexo nas escolas. Algo que deixou patente, em 2017, aquando de uma visita à Escola Secundária Ibn Mucana, no concelho de Cascais, onde defendeu que “a educação para o ambiente deve começar no básico do básico e que temas como a violência, a toxicodependência e o sexo também devem ser falados na escola” (Jornal de Notícias, 4/1/2017).

RETRATOS

SER SOCIÓLOGA

Catarina Gil

Técnica Superior da Câmara Municipal do Barreiro na área de habilitação social e saúde.

Frequentei um Curso Profissional de Animação Sociocultural onde tive contato com a Sociologia, pela primeira vez. O professor da disciplina estimulou a minha curiosidade, foi o responsável por me candidatar a Sociologia, no ISCTE, onde ingressei.

Lembro-me de ir a casa dos meus avós dar a boa nova, passados 20 anos, ainda tenho em mente a expressão do meu avô Gil, “Sociologia, isso serve para quê?”

Fui encaminhando o curso para as áreas da Sociologia do Trabalho e Sociologia da Cultura. Acabei por realizar a minha dissertação sobre Higiene e Segurança no Trabalho. Todo este percurso escolar deu-me as ferramentas para trabalhar transversalmente em várias áreas. Comecei a trabalhar na autarquia do Barreiro na área da Juventude, era um serviço transversal a todo o município. Comecei como estagiária, ao abrigo do PEPAL (Programa de Estágios Profissionais na Administração Local) e terminei como Coordenadora. Ao fim de 10 anos pedi uma licença sem vencimento e fui viver para Dublin, República da Irlanda, onde trabalhei na área financeira, durante 4 anos.

O facto de ter trabalhado noutra país, com pessoas de várias culturas e crenças religiosas tornou-me a mente mais aberta.

Regresso a Portugal, volto à autarquia, desta vez a uma área de trabalho nova, a Intervenção Social - Habitação Social.

Por força da pandemia e com a crise económica, Portugal irá receber a tão falada “bazuca” de fundos através do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) onde a Habitação Social será um dos grandes pilares, por esta razão tem sido muito interessante e revigorante voltar a estar com pares da Sociologia em debates, conferências. É sentir um *back to the game*.

Hoje olho para trás e sei que o avô Gil, como a restante família, já percebe o porquê de ter ingressado no curso de Sociologia e diria parabéns, foi uma boa escolha!

■

“(…) LEMBRO-ME DE IR A CASA DOS MEUS AVÓS DAR A BOA NOVA, PASSADOS 20 ANOS, AINDA TENHO EM MENTE A EXPRESSÃO DO MEU AVÔ “SOCIOLOGIA, ISSO SERVE PARA QUÊ? “ (..)”

■

Começo por vos dizer o que faço hoje: gestão de clientes e projetos numa empresa de consultoria com atuação em território nacional e, circunstancialmente, nos PALOP ou outros países, mas, nestes casos, sempre a acompanhar clientes nacionais. Apos-tro que parte de vocês perdeu toda a vontade de ler, imaginando o quanto aborrecida pode ser esta atividade. Efetivamente não é uma fábula encantada, mergulhada nas inenarráveis aventuras de um qualquer herói ou heroína. No entanto, é, sem dúvida, uma atividade desafiante e interessante pela diversidade de projetos em que nos envolvemos ao longo do nosso percurso.

Podem questionar a razão de alguém com formação em sociologia estar nesta atividade: A entidade que represento, opta por selecionar candidatos com formação em ciências sociais para a função de gestor comercial, por aquilo que podem acrescentar nesta função. E, na realidade, é uma preferência sensata, visto que permite ter uma visão mais abrangente de um conjunto de fenómenos, que a formação académica ensina a ler com outra capacidade analítica, tanto do ponto de vista micro

como do ponto de vista macro, na construção de campanhas comerciais, por exemplo. Se, a isto, acrescentarmos a gestão de projetos, onde temos de ler, aprofundar conhecimentos, investigar soluções, então é ainda mais clara a utilidade da nossa formação.

Se me perguntarem se este era o meu objetivo de carreira profissional quando andava na universidade, com honestidade vos digo que não: a ideia de poder ser investigador era, naquela altura, o que achava a profissão perfeita. Contudo, colocando as coisas em retrospectiva, considero que, não tendo perdido o sentido da importância da investigação como parte fundamental da nossa atividade, percebo de forma diferente o contributo que podemos dar em campos e atividades diversas que, muitas vezes, não percebemos logo à partida ou que, por desconhecimento, os outros podem achar que não temos qualificações para realizar.

Posso afirmar que gosto do que faço. E, no mesmo sentido, considero que a formação académica, de muitas formas, contribui para o meu sucesso profissional.



FEVEREIRO

TRANSFOBIA

CÁTIA

“Pessoalmente, acredito que a transfobia é dos maiores problemas sociais que enfrentamos em Portugal (...) Acho que o grande preconceito enraizado advém também da desinformação das pessoas e das crenças erróneas que se criaram em torno da transexualidade e da própria identidade de género.”

DANIEL FERRÃO (Licenciatura em Sociologia):

“Sim acho que a transfobia é um problema em Portugal, no entanto a transfobia vem do desconhecimento e da ignorância. (...) Penso que a informação é a chave, talvez mais palestras informativas em escolas, empresas e institutos universitários, e representatividade em órgãos de comunicação social fossem um começo para quebrar mentalidades.”

RICARDO BATISTA (Licenciatura em Sociologia):

“(...) Quanto mais penso mais confuso fico. Por um lado, eu acredito que não porque para se ter fobia de algo é preciso conhecer esse algo e Portugal desvaloriza muito a transexualidade e repudia-a um pouco. Por outro lado (...) acho que sim, existe transfobia em Portugal, mais na ótica do desconhecido”

MARÇO



EUTANÁSIA

DIOGO GONÇALVES (Licenciatura em Economia):

“(...)o sofrimento derivado de certas situações clínicas continua a ser uma realidade e como tal a eutanásia também deveria ser uma realidade bem presente e marcada na medicina contemporânea. O sofrimento por vezes pode ser de tal maneira doloroso que a vida mais se aproxima de uma tortura e conseqüentemente, a morte de uma saída desta aflição constante.”

RITA FELIZARDO

“A eutanásia é uma forma digna de pôr fim a um longo período de sofrimento. Consigo perceber que seja um assunto fraturante, mas para mim é bem claro que o caminho certo será a sua despenalização. (...) se um dia eu estivesse num sofrimento tão grande que não aguentasse mais viver, gostaria de poder morrer de forma digna e nobre.”

RAFAEL PESTANA

“Quando me perguntam se sou favorável à eutanásia, a minha resposta é sempre: sou favorável à liberdade individual de cada sujeito. (...) respondendo à questão que me é colocada, acredito que a eutanásia é o método mais adequado para um doente sem qualquer prognóstico de melhora, caso este seja o desejo do paciente”



ABRIL

TRABALHO SEXUAL

BRUNO MAGALHÃES (Som e imagem):

“Enquanto uns pensam que é um trabalho como todos os outros, outros pensam que é uma falta de vergonha, mas na verdade não criticam a pornografia, até gostam...”

INÊS ANTUNES

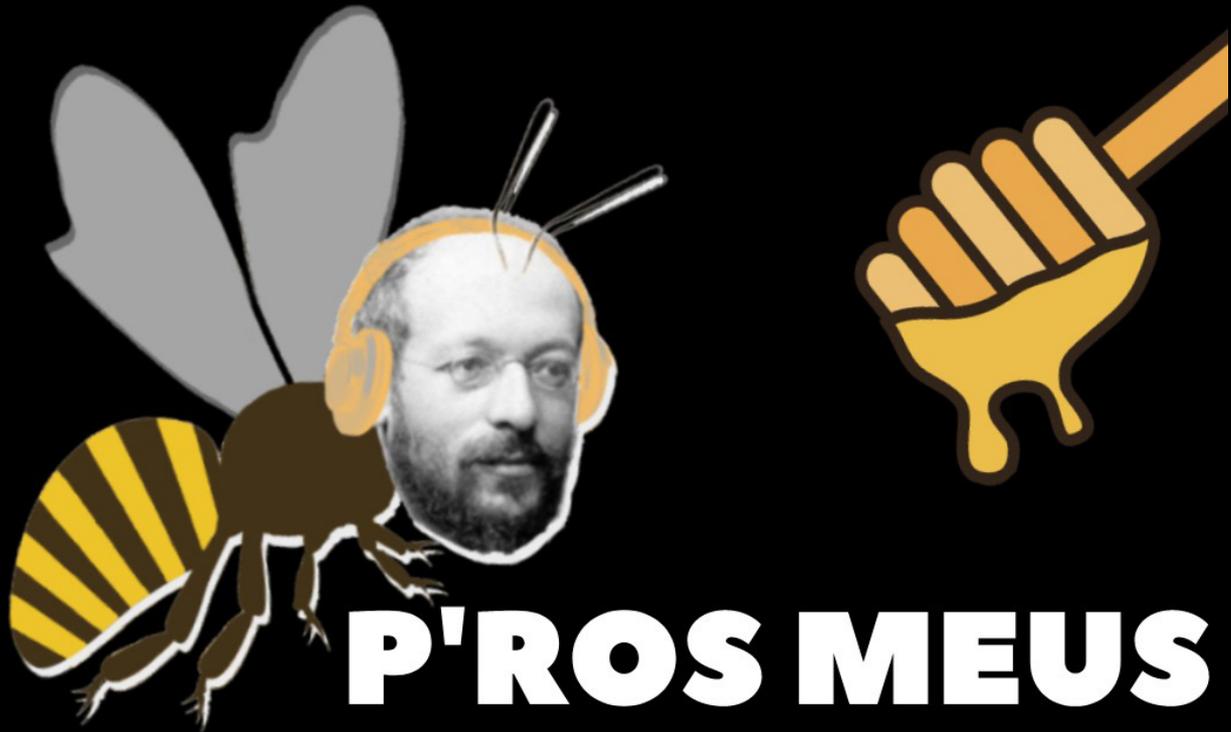
“A utilização do corpo como ferramenta de trabalho é algo comum, sendo visto em várias profissões: atores/atrizes; bailarinos/bailarinas; modelos. No entanto, o trabalhador(a) sexual, que igualmente vende o corpo em troca de dinheiro, é visto de forma negativa pela nossa sociedade, seja porque se acredita que havia outras alternativas, seja porque muitos não conseguem dissociar o prazer sexual e a intimidade do desempenho de uma profissão onde o corpo é a ferramenta de trabalho.”

MARGARIDA FERREIRA (Licenciatura em Direito):

“A ideia do trabalho sexual encontra-se automaticamente inerente a visões muito distorcidas e carregadas de preconceito claramente influenciadas pelo panorama histórico que a prática desta profissão [prostituição] carrega (...) A única medida que torna, na minha opinião, a possibilidade de se tornar segura a profissão seria a possibilidade de se criar, num ambiente seguro e precavido, empresas que giram a prática da profissão”

A EQUIPA SOCIALiS APRESENTA:

ISSO É SIMMEL



P'ROS MEUS OUVIDOS



TODOS OS MESES UM NOVO EPISÓDIO! SOBRE O QUE? TEMAS DA ATUALIDADE, CONVERSAS ENTRE ALUNOS, ÁREAS DE TRABALHO, AS RUBRICAS SÃO SEMPRE INCERTAS, A ÚNICA CERTEZA É QUE SERÁ MEL PARA OS VOSSOS OUVIDOS!

ATIVIDADES DO NESISCTE

4ª JORNADAS DE SOCIOLOGIA

10 MAR '21



Realizado em regime online, a 4ª Edição das Jornadas da Sociologia foi uma das mais concorridas de sempre e o seu tema principal incidiu sobre as tendências e configurações do trabalho. Com a participação de vários oradores, debateu-se e discutiu-se acerca do futuro do mercado de trabalho, do processo histórico e os diferentes papéis do sindicalismo.

Local: via Zoom

IS(C)TÉ VERDE

16 MAR '21



Organizado pelo Núcleo de Estudantes de Sociologia, Núcleo de Alunos de Gestão Industrial e Logística e pelo Núcleo de Alunos de Marketing, o evento “IS(C)TÉ VERDE” serviu para sensibilizar a comunidade estudantil acerca da sustentabilidade e da proteção e conservação do ambiente. Esta edição teve variadíssimos oradores, foi feita em regime online e contou com uma visita virtual ao Jardim Zoológico.

Local: via Zoom

JUNTOS PELA DIVERSIDADE

22 MAR '21



No passado mês de março, numa iniciativa conjunta, o NESISCTE, o NEHMC e o NEA elaboraram uma nova edição do evento “Juntos pela Diversidade” onde se discutiram temas relacionados com o racismo, género, comunidade LGBTQ+ e pessoas com deficiência.

Local: via Zoom

Organizado em regime online, o Workshop de Suporte Básico de Vida contou com a presença da Bombeira Cristina Martins. O objetivo deste evento passou essencialmente por transmitir conceitos e técnicas práticas de suporte básico de vida, algo que todos os cidadãos deviam conhecer.

Local: via Zoom



WORKSHOP SUPORTE BÁSICO DE VIDA
02ABR'21

No dia 23 de abril realizou-se o evento “As Sociologias – Colóquio” onde foi possível debater acerca de diferentes áreas da Sociologia. Assim, as temáticas principais do evento foram a Sociologia do Género, Sociologia da Educação, Sociologia do Crime e Sociologia da Política, tendo contado com diversos oradores das diferentes áreas.

Local: via Zoom



AS SOCIOLOGIAS COLÓQUIO
23ABR'21

Este evento, organizado pelo Núcleo de Estudantes de Sociologia do ISCTE, teve como objetivo primordial o incentivo a um debate de ideias acerca dos limites do humor, da forma como se produz, discutiu-se a representatividade humorística e a influência que a Sociologia pode ter no humor.

Local: via Zoom



PALESTRA DO HUMOR
24ABR'21

NÚCLEO CONVIDADO

Duarte Lucas

Presidente do Núcleo de Estudantes de Sociologia da Associação Académica de Coimbra (NES/AAC).

O Núcleo de Estudantes de Sociologia da Associação Académica de Coimbra (NES/AAC), é parte integrante da Associação Académica de Coimbra (AAC), uma associação centenária reconhecida pela constante luta a favor da liberdade e contra a opressão, da ação em prol da melhoria do Ensino Superior e da sociedade portuguesa em si. Fazemos da nossa missão representar todos os estudantes de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra –sócios efetivos da AAC.

O nosso objetivo principal passa pela integração dos novos estudantes, objetivo este que se revelou ainda mais importante devido à conjuntura pandémica atual que nos afeta diariamente. Quer seja através de atividades de natureza cultural, recreativas e desportivas, mas também através de eventos de cariz político e pedagógico, com o fim de preparar o período pós-academia, e de desenvolver o percurso pessoal e académico de cada uma das pessoas que representamos.

Como já foi referido anteriormente, a atual pandemia trouxe algumas restrições à vida das pessoas, o que acabou por afetar um pouco as nossas atividades.

Não obstante encarámos estes entraves como um desafio, o que nos deu a chance de nos reinventarmos. Desta forma

nasceram os eventos: A “boémia académica”, em que nos juntámos a diversas repúblicas de estudantes de Coimbra, de forma a dar a conhecer as mesmas; As “Jornadas pedagógicas” nas quais abordamos diversas temáticas desde a “sociologia do risco” até ao “o papel das mulheres na política”, onde contamos com a presença de docentes, associações sem fins lucrativos e com eurodeputados, que enriqueceram muito a atividade; A gazeta “O sociológico” onde damos a palavra aos nossos estudantes, para que estes abordem temas atuais e que nos afetam enquanto cidadãos; entre muitas outras. Aproveito também para vos convidar a marcar presença no nosso workshop de primeiros socorros em tempos de pandemia, em parceria com a associação VO.U Socorrer, que irá acontecer no dia 07/04; bem como no evento “Bright Future”, nos dias 15/16/17, em parceria com os restantes núcleos de estudantes da faculdade de economia da universidade de Coimbra, onde terás a oportunidade de assistir a palestras, participar em workshops e numa feira de emprego, onde poderás encontrar oportunidades de estágio (profissional e/ou de verão), conhecer o funcionamento das empresas e os seus processos de recrutamento e aumentar a tua rede de networking.

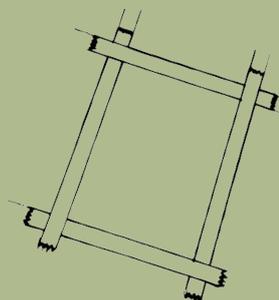
AS NOSSAS SUGESTÕES

ÁLBUM



“The Voice of Frank Sinatra” – da autoria de Frank Sinatra.

Primeiro álbum de estúdio de uma das mais icónicas vozes de Nova Iorque. Considerado pelos críticos como o primeiro disco conceptual, estamos perante um marco no mundo da música e da cultura norte-americana.



QUADRO

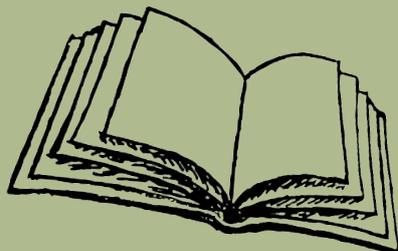
“Raízes”, da autoria de Frida Kahlo.

Uma das obras mais maduras e consolidadas de Frida Kahlo. Uma com a natureza enquanto plantas brotam do seu corpo, “Raízes” é das peças de arte que fertilizaram a carreira da artista mexicana.

FILME

“A Menina da Rádio”, realizado por Artur Duarte, pela Companhia Portuguesa de Filmes.

Artur Duarte, realizador, foi um dos principais nomes naquela que era tida como comédia populista nos anos 40. “A Menina da Rádio” é considerada um dos seus melhores trabalhos, tendo sido lançado em 1944.



LIVRO

“Dia do Mar”, da autoria de Sophia de Mello Breyner Andersen

Segunda obra da autora Sophia de Mello Breyner Andersen, em 1947. Com esta publicação a poeta utiliza o mar como fonte de purificação para encontrar amor, pureza e harmonia.

A TUA VOZ

Grilhões de um passado,

Eterna vontade de fugir.

Na solidão mais colossal,

Rompe o peão com o momento

Nostalgia sedutora,

Musa do meu presente.

Eterna inimiga do amanhã.

Ilustre Palácio,

Espelhado a memórias.

Louvada seja a tua voz melancólica,

Pecaminosa vontade de a ouvir.

A galope vem o passado,

Cavaleiro da ilusão.

Acorrentado pelo presente.

Momentâne

Que abunda

Fértil d

Inundado de

Ser livre

E livre

Efémere en

Soberano do

Renovado

Poetisa o

Omitindo o

Venturosa

Outrora

Melancólico

Hoje, dominado

No presente, mes

A TUA VOZ

a seriedade,

Revoltoso poeta.

o momento.

Eternamente,

deserto,

amante da liberdade.

e Liberdade.

A rebelião começou,

re é ser,

Abaixo o passado,

e ser.

Soberano reinado,

nancipação.

Virtuoso momento.

o consciente,

Libertina liberdade.

o o poeta.

presente,

o passado.

liberdade,

súbdito,

e algemado.

or do momento.

stre de si próprio.

Francisco Colaço

Licenciatura em Direito na NOVA School of Law.

AGENDA SOCIOLOGICA

JUNHO

Desperdício alimentar: por que nos preocupa e como o combatemos?

Esta apresentação discute as respostas ao problema do desperdício alimentar em grande escala, promovendo o debate sobre as suas origens estarem intrinsecamente associadas ao aumento da produção facilitado, sobretudo, pelos avanços tecnológicos desenvolvidos durante a segunda metade do século passado.

29 de junho de 2021, 16h00 Evento em formato digital

Link zoom: <https://us02web.zoom.us/j/89210677657?pwd=WXc2ZHVnQ0QxUVZoSWpNMVF-WU0RwUT09>

ID da reunião: 892 1067 7657 **Senha de acesso:** 714117

29

SETEMBRO

Trabalho, Teletrabalho e Tecnologia: Novas fronteiras de desigualdades

A experiência de trabalho tem vindo a sofrer mudanças significativas ao longo de anos recentes, discutindo-se com frequência o 'futuro do trabalho'. Entre estas, a emergência do teletrabalho no contexto da pandemia tem sido talvez a face mais visível e mais repentina. Repentina na sua imposição, mas talvez também repentina na sua adoção. Pelo menos assim nos é apresentado. Nesta conversa será revisto o modo como o teletrabalho pode ser conceptualizado precisamente como um objeto de fronteira, cuja maleabilidade intrínseca permite a sua adoção em diferentes discursos, de acordo com os objetivos e as experiências de diferentes atores.

28 de setembro de 2021, 16h00 Evento em formato digital

Link zoom: <https://us02web.zoom.us/j/81920440901?pwd=eFUrcXREZ1czNTIBcVE5Qz-V4STRvdz09>

ID da reunião: 819 2044 0901 **Senha de acesso:** 393146

28